



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Globo Rural

Data: 01/03/2016

Caderno/Link:

<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2016/03/controle-biologico-nao-e-inseticida-diz-pesquisador.html>

Assunto: Controle biológico não é inseticida, diz pesquisador

Controle biológico não é inseticida, diz pesquisador

Agricultores esperam da técnica o resultado imediato de químicos, mas agentes biológicos levam mais tempo para surtir efeito

Por Teresa Raquel Bastos, de São Paulo (SP)



José Roberto Postali Parra, pesquisador da Esalq/USP e especialista em controle biológico (Foto: Divulgação/Fapesp)

O manejo biológico de pragas agrícolas tem se mostrado no mundo inteiro uma alternativa ou um aliado dos agroquímicos com o manejo integrado de pragas (MIP). Entretanto, grande parte dos agricultores tem resistência à adoção de micro e macro organismos para esse fim. É o que diz José Roberto Postali Parra, pesquisador da Esalq/USP que estuda o tema desde a década de 1960.

Segundo ele, o maior desafio é convencer o produtor rural, acostumado com químicos e seus efeitos imediatos, de que o controle biológico é uma alternativa sustentável em várias culturas



como cana, soja e milho. "O agricultor quer ver o inseto cair morto logo após a liberação dos biológicos, mas esses levam mais tempo na maioria dos casos. Controle biológico não é inseticida", diz.

Há também o receio de que esses agentes biológicos no campo virem praga após certo período de uso. "Um leão nunca vai se tornar herbívoro. Então se o micro-organismo se alimenta de outro, ele não vai atacar plantas", explica.

Apesar de mais demorado, a eficiência dos produtos biológicos é comprovada e vem sendo estudada há vários anos no Brasil, funcionando bem, especialmente em propriedades que tenham a partir de 500 hectares. Há bons resultados em citros, com controle do greening, e na cana-de-açúcar, com controle da broca e da cigarrinha.

Em comparação aos químicos, o método gera menos resíduos na água e no solo, as pragas não criam resistência como às fórmulas de agrotóxicos, e o controle resulta em equilíbrio biológico e pode ter menor custo e tempo de pesquisa. Em média, são dez anos para que a solução chegue ao mercado, enquanto os químicos podem levar mais de 20 anos. Os agrotóxicos custam cerca de US\$ 250 milhões em pesquisas, contra US\$ 2 a 10 milhões dos micro-organismos.

"A pesquisa no Brasil vai bem, mas o controle biológico precisa ser mais estudado. O momento é bom, mas faltam empresas brasileiras que apostem nisso. Mas é algo gradativo, aos poucos está mudando a cultura de combate às pragas, estamos testando", conta o pesquisador.

Além do desconhecimento por parte do produtor e de poucas pesquisas sobre o assunto, falta transferência de tecnologia. "A extensão é um problema da pesquisa no Brasil, e acaba sendo feita apenas por empresas privadas", finaliza.